

O JESUS NEGRO

**PASTOR
HENRIQUE
VIEIRA**



**O GRITO
ANTIRRACISTA
DA BÍBLIA**

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

 **Planeta**

**PASTOR
HENRIQUE
VIEIRA**

O JESUS NEGRO



Planeta

**O GRITO
ANTIRRACISTA
DA BÍBLIA**



Planeta

PREÇO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Henrique Vieira, 2023
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Todos os direitos reservados.

Edição de texto: Mariana Gomes
Preparação: Renata Miloni
Revisão: Vitor Donofrio (Paladra Editorial) e Carmen Costa
Projeto gráfico e diagramação: Maria Beatriz Rosa
Capa: Fabio Oliveira
Ilustração de capa: Ilustrablack / OIO, agência de ilustração

Todas as citações bíblicas foram retiradas da versão Nova Almeida Atualizada. (NAA © 2017 Sociedade Bíblica do Brasil. Todos os direitos reservados.)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Vieira, Henrique
O Jesus negro: o grito antirracista do Evangelho / Henrique Vieira. – 1. ed.
– São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

144 p.

ISBN 978-85-422-2201-2

1. Jesus Cristo - Aparência física 2. Antirracismo I. Título

CDD 232

CDD 232

Índice para catálogo sistemático:
1. Jesus Cristo - Aparência física



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2023
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

| | | |
|-------------------|--|------------|
| PREFÁCIO | <i>Pastor Ras André Guimarães</i> | 9 |
| INTRODUÇÃO | Em Jesus, Deus se fez carne e se fez classe | 17 |
| | 1. A naturalização da barbárie | 23 |
| | 2. Quebrando as lentes do poder | 31 |
| | 3. O canto de Maria | 41 |
| | 4. Sobrevivendo ao genocídio | 51 |
| | 5. O rosto de Jesus é o rosto do oprimido | 59 |
| | 6. A cruz e o Crucificado | 75 |
| | 7. A ressurreição | 95 |
| | 8. Muito além da sobrevivência | 105 |
| | 9. O derramar do Espírito e a diversidade | 115 |
| | 10. Jesus negro e teologia negra | 121 |
| | Agradecimentos | 139 |

CAPÍTULO 1

A NATURALIZAÇÃO DA BARBÁRIE

O racismo é uma ferida aberta que todos os dias provoca morte *em* vida – dadas as ameaças, intimidações e muitas formas de causar constrangimento, desprestígio e desvantagem – e morte *da* vida. Muitas vezes, o racismo mata a chance de uma vida plena, provocando imenso sofrimento antes da morte em sua concretude.

O Brasil registra números que apontam, por exemplo, para o genocídio da juventude negra, pobre, das favelas e periferias do país. Não são apenas estatísticas, são vidas e famílias destruídas sob o signo da indiferença e da aprovação de um sistema cultural e estrutural racista.

O racismo não é apenas uma questão individual, de caráter, índole ou educação, nem uma doença. Focar a dimensão do caráter pessoal é não entender que o racismo faz parte da estrutura de organização e da história da

nossa sociedade; é a normalidade historicamente construída. Isso significa dizer que o referido genocídio da juventude negra não é o sistema político, econômico e social dando errado: na verdade, se trata desses sistemas em perfeito funcionamento, pois as vidas negras são definidas como elimináveis e descartáveis. Trata-se da naturalização da barbárie. A indiferença, portanto, pode ser – e é em muitos casos – mais um sintoma do racismo, que não apenas produz a violência contra o povo negro, mas constrói afetos, emoções, subjetividades e narrativas que naturalizam essa realidade, tornando-a imperceptível, aceitável e desejável.

Durante a conquista extremamente violenta do chamado “Novo Mundo”, o povo branco e europeu foi colocado como referência de humanidade, de civilização, ideal de desenvolvimento e de universalidade – noção que se mantém ainda hoje –, e é dentro desse contexto que se constrói a imagem do outro e que se firma a ideia de que os não brancos precisam ser ensinados, civilizados, dominados. O povo negro foi caracterizado como estranho, inferior, exótico, selvagem, animalesco e com uma aptidão nata ao trabalho braçal.

O racismo está diretamente vinculado à rentabilidade econômica da colonização. Em outras palavras, o povo negro servia de mão de obra escravizada para a economia agrária e exportadora das colônias. Por isso se fala em racismo estrutural, pois vai muito além de uma dimensão

moral individual e comportamental. O conceito de raça para diferenciação e o racismo como hierarquia estão na base da construção dos Estados modernos, atravessando a economia, a política, o aparato jurídico, o sistema educacional, padrões de beleza, a moralidade e o imaginário coletivo.

O povo negro foi e tem sido concebido pela lente branca do racismo. Dentro dessa construção, o povo negro passou a ser uma invenção do branco e quem o branco diz que ele é. Justamente por isso o racismo é uma maneira de silenciar, enclausurar e “inventar” um povo, usurpando o direito de falar por si e sobre si. Existe aqui uma asfixia, pois se estrangula a garganta, a voz do negro, o direito de contar sua própria história e de se autodefinir. O racismo produz silenciamento e é, evidentemente, uma forma de inferiorizar por meio da construção de uma relação de hierarquia e subalternidade, criando-se, assim, a justificativa para dominar, explorar, escravizar e matar. Há, então, a produção de uma diferença irreconciliável na qual o negro é tão diferente que nenhum traço de proximidade ou semelhança é percebido e valorizado. É o reconhecimento pela dessemelhança, em que o negro só é identificado por uma diferença exótica e constitutiva que não permite espaço para empatia nem para o sentimento de pertencimento comum à humanidade. Ao branco cabe apenas estranhar, se afastar e dominar, jamais conviver em pé de igualdade.

**NA HISTÓRIA,
SEMPRE QUE SE
PRODUZ A IMAGEM
DE UM “OUTRO”
COMO INFERIOR OU INIMIGO,
SE ABRE ESPAÇO PARA
A NATURALIZAÇÃO
DO GENOCÍDIO.**

Muito antes de se manifestar numa ação violenta, como espancamento, xingamento, ações discriminatórias ou homicídio, o racismo está na forma de pensar e até mesmo de sentir; manifesta-se, portanto, na dimensão consciente e inconsciente: é o chão, a mediação, a lente por qual a mente interpreta e enxerga o mundo. Sobretudo, é uma relação de poder que confere privilégios ao povo branco em detrimento do povo não branco. Isso significa que ele não é meramente simbólico ou subjetivo, mas que impõe ganhos e perdas na concretude e na materialidade da vida.

Existe um princípio democrático fundamental: toda pessoa é inocente até que se prove o contrário. É uma garantia de liberdade. Para o povo negro, no entanto, essa regra se inverte: ser negro é ser culpado até que se prove o contrário; é carregar a marca da culpa, a necessidade de provar inocência e validade. É sentir que precisa chegar aos espaços pedindo desculpa e mostrando que não vai fazer mal a ninguém. É ter um corpo marcado pela insegurança, pelo medo, pela ameaça, pelo julgamento, pela cobrança e pela violência. Numa sociedade que precifica as pessoas, é possível dizer, como afirma a canção entoada por Elza Soares, que “a carne mais barata do mercado é a carne negra”.²

2. Marcelo Yuka, Seu Jorge, Ulisses Cappelletti, “A carne”, *Do cóccix até o pescoço*, Elza Soares. © 2002, Maianga.

O corpo negro é visto como descartável; é uma vida que a sociedade aceita, e até mesmo deseja, perder por não carregar o valor da dignidade humana. O desejo de eliminação existe e é pautado no ódio racial, que, muitas vezes, não aparece de maneira evidente ou não é elaborado conscientemente. O racismo aparece na sutileza, no silêncio, na apatia, na normalidade. É um debate que passa pela moral, mas vai muito além disso. O Brasil é um país conivente com as grandes mazelas enfrentadas pelo povo negro: além do genocídio da juventude, há o encarceramento em massa, a sub-representação nos espaços de poder, a frequente violência obstétrica sofrida por mulheres negras, a negligência médica geral, as diferenças absurdas no acesso à universidade e a disparidade no mercado de trabalho. Ser preso, morto ou humilhado são possibilidades cotidianas para o povo negro no Brasil. O racismo está entranhado na estrutura social, no Estado, na política, na economia, nos meios de comunicação, nos padrões estéticos, nas relações interpessoais, no imaginário coletivo, no consciente e no inconsciente, na forma de agir, pensar e sentir. Para superar, é preciso nomeá-lo e identificá-lo.

**O SILÊNCIO É CÚMPLICE
DO RACISMO,
SEJA POR IGNORÂNCIA
OU INTENÇÃO DELIBERADA.**